

VITRINES QUEBRADAS: AS GESTÕES MUNICIPAIS E ESTADUAIS COMO ANTESSALA PRESIDENCIAL NO DIÁRIO FOLHA DE SÃO PAULO (1989)

BROKEN WINDOWS: MUNICIPAL AND STATE ADMINISTRATIONS AS A PRESIDENTIAL ANTEROOM IN THE NEWSPAPER FOLHA DE SÃO PAULO (1989)



JOÃO VITOR BORBA DE ANDRADE¹

Resumo

O presente artigo teve como objetivo avaliar a dinâmica de colunistas e *editoriais* da *Folha de São Paulo* acerca dos dois candidatos do espectro progressista melhores posicionados nas pesquisas de intenção de voto, a saber, Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores - PT) e Leonel de Moura Brizola (Partido Democrático Trabalhista – PDT) à presidência da República nas eleições de 1989, sufrágio solteiro, etapa final de um longo processo de transição democrática. A *Folha de São Paulo* disseminou ideias, práticas e costumes vinculados ao setor da sociedade ao qual pertence, dentro de uma conjuntura externa e interna de transições, em que gestões municipais constituídas nas Eleições de 1988 foram colocadas como vitrines para eventuais gestões a nível nacional, considerando as administrações municipais como uma antessala de um eventual mandato a nível nacional, que seria conferido de forma direta em 1989. A pesquisa se insere no debate de nacionalização partidária, problemática colocada a partir da reorganização do sistema partidário de 1982. Desse modo, imagens, discursos, movimentos foram deslocados do nível municipal diretamente para a disputa presidencial, defendendo a existência de uma correlação entre a gestão municipal e a eleição nacional.

Palavras-chave: Folha de São Paulo, política, Nova República, transição democrática.

Abstract

This article aimed to evaluate the dynamics of *Folha de São Paulo* columnists and editorials regarding the two candidates from the progressive spectrum best positioned in voting intention polls, namely, Luís Inácio Lula da Silva (PT) and Leonel de Moura Brizola (PDT) to the presidency of the Republic in the 1989 elections, single suffrage, the final stage of a long process of democratic transition. *Folha de São Paulo* disseminated ideas, practices and customs linked to the sector of society to which it belongs, within an external and internal context of transitions, in which municipal administrations established in the 1988 Elections were placed as showcases for eventual administrations at national level, considering municipal administrations as a precursor to an eventual mandate at national level, which would be conferred directly in 1989. The research is part of the debate on party nationalization, a problem raised by the reorganization of the party system in 1982. In this way, images, speeches, movements were moved from the

¹ Bacharel em História e Mestrando em História Social na Universidade de São Paulo. E-mail: jvborbandrade@usp.br.



municipal level directly to the presidential dispute, defending the existence of a correlation between municipal management and the national election.

Keywords: Folha de São Paulo, politics, New Republic, democratic transition.

Introdução

De acordo com a hipótese de Vinicius França (2015), a Eleição de 1989 insere-se em um contexto em que as classes subalternas passaram a se mobilizar com muito mais facilidade e adesão na Nova República², colocando-se como capazes de protagonizar um projeto alternativo, isto é, a mobilização de classe, em um contexto em que as esquerdas – de acordo com as pesquisas do *Datafolha* – chegariam fortalecidas ao segundo turno. As duas candidaturas aqui analisada, a de Lula (PT) e Brizola (PDT) representaram a gestação de uma contra-hegemonia com possibilidades de ganhar, via eleição direta, a dirigência do Estado (MACIEL, 2012, p. 367). No mesmo contexto histórico analisado, a imprensa paulistana difundia valores, ideias e narrativas, tomando posição frente às dinâmicas apresentadas ao longo da Nova República.

No chamado campo progressista do sistema político brasileiro, existiam em 1989 partidos em pleno ganho de adesão que se posicionaram na oposição à esquerda à Aliança Democrática, como o PDT e PT. O PDT, originado no trabalhismo brasileiro, teve o início da sua organização articulada ainda no exílio em Portugal por Leonel Brizola, ex-governador do Rio Grande Sul, com o objetivo inicial de reorganizar o PTB, extinto pelo Ato Institucional número 2º de 1965. No entanto, em um processo judicial concluído em 1980, com Brizola já no Brasil, os trabalhistas históricos perdem a legenda para Ivete Vargas (MARQUES e GONÇALVES, 2016, p. 400). O PT, por sua vez, fundado por sindicalistas, operários e intelectuais em fevereiro de 1980, reuniu um mosaico de tendências e correntes de esquerda dispostas a construir um socialismo diverso daquele experimentado no leste europeu.

Um reflexo desse recrudescimento partidário em formação é que nas eleições municipais de 1988, perderam espaço institucional partidos como PMDB e o PDS, embora continuassem profundamente enraizados nos municípios, enquanto o PT e o PDT ganharam terreno. O PDT conquistou 17 das 100 maiores cidades do país, enquanto o PT derrotaria duas máquinas eleitorais importantes com Luiza Erundina, de Jânio Quadros e

² Segundo levantamento, “as greves chegaram ao número de 200 em fevereiro, 470 em março e 170, apenas na primeira semana de abril de 1989” (FRANÇA, 2015, p. 38).



Paulo Maluf na cidade de São Paulo (MACIEL, 2012, p. 345-346). Esses partidos, organizados no contexto da chamada distensão política da Ditadura Militar, operaram a partir da Reforma Partidária de 1979, constituindo uma via partidária na distensão política (FREIRE, 2014), isto é, canalizaram frações da oposição civil em sua estrutura e chegaram, ao final de 1989, com pretensões majoritárias, destacando-se nas pesquisas eleitorais de intenção de voto para a primeira eleição direta para presidente da República³. Se novos partidos se organizaram no chamado campo progressista, organizaram-se também novas narrativas.

A *Folha de São Paulo* passou por uma mudança Editorial no que tange à economia, em que se deslocou da defesa de um projeto nacional-desenvolvimentista para a defesa de austeridade, privatizações pragmáticas e menor intervenção do Estado, propostas relacionadas no que se convencionou chamar neoliberalismo, sendo caracterizado como um jornal ideologicamente volátil, radicalizando sua opção pelo neoliberalismo ao longo da Nova República (FONSECA, 2005, p. 151). A partir de 1985, o Jornal gradativamente se distanciou da defesa da estratégia nacional-desenvolvimentista ao criticar o papel empresarial e interventor do Estado de forma mais consistente, justificando essas inflexões a partir de uma mudança macroeconômica internacional, em que haveria uma marcha inequívoca rumo à redefinição do papel do Estado (FONSECA, 2005, p. 167-168).

Ao mesmo tempo que os debates sobre o neoliberalismo que batia às portas da América Latina ganhavam força na imprensa, tratava-se de um momento em os movimentos sociais adquirem novos protagonismos, que foram além das barreiras partidárias. Além disso, é preciso sublinhar o fato de que disputaram o segundo turno duas candidaturas com lívida trajetória institucional, o que foi tido como sinal de desgaste dos Partidos tradicionais e como uma crise de representatividade (GODOY, 2005, p. 22) - apesar de PT e PDT, partidos dos candidatos aqui analisados, avançarem significativamente nas eleições municipais de 1988 (MACIEL, 2012, p. 345). Tal avanço foi explorado pelos colunistas e *Editoriais* da *Folha* como vitrines das eventuais gestões a nível nacional.

O objetivo da pesquisa visou acompanhar as colunas e *Editoriais* da *Folha* de São Paulo durante os intervalos das pesquisas eleitorais publicadas pelo *Instituto Datafolha*,

³ Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/1989/11/1203338-intencao-de-voto-para-presidente-1989---1-turno.shtml>



investigando qual era o perfil ideológico dos colunistas e *Editoriais* frente às pesquisas. Com a crise institucional acentuada por uma profunda crise econômica, o debate público jornalístico voltou-se para a sucessão presidencial. O discurso se voltou, quase que integralmente, aos desafios, expectativas e caminhos para o novo presidente.

Ao longo da pesquisa observamos que as temáticas sobre a sucessão presidencial se organizavam de formas distintas nos *Editoriais* e nas Colunas de Opinião. As pesquisas eleitorais foram acompanhadas com atenção e apresentando-se como termômetros importantes para pensar a dinâmica dos discursos elaborados pelos colunistas sobre o processo eleitoral. Apesar de não dialogarem diretamente com os programas dos candidatos em seus *Editoriais* sobre conjuntura externa, a *Folha de São Paulo* registrou sua oposição programática àqueles que defendiam mais participação do Estado na economia brasileira, o que caracterizaria, a seu ver “ir na contramão das novas demandas do tempo”.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que tanto de forma institucional quanto a partir de seus principais colaboradores, a *Folha de São Paulo* trabalhou com a permanente hipótese de antecipação dos resultados eleitores com base na avaliação dos partidos políticos em administrações locais. A gestão de Luiza Erundina (PT) em São Paulo seria uma vitrine negativa para a campanha eleitoral de Lula (PT), caso parecido com a administração de Jaime Lerner (PTD), então prefeito de Curitiba, a qual emprestaria sua baixa avaliação à candidatura de Brizola (PDT).

O periódico adotou um jogo de imagens binárias: colocava a “modernidade” das privatizações em oposição ao “passado” estatizante, discurso e programa, razão e emoção. Dessa forma, o papel do Estado nas atividades econômicas passou a ser a narrativa central em disputa. Por isso, tomando como hipótese que as pesquisas eleitorais - que ocorriam, em linhas gerais, a cada 2 semanas - foram uma bússola para o debate político -, buscamos identificar esses movimentos como marcador importante para compreender como Lula e Brizola, com agendas econômicas distanciadas das demandas do empresariado brasileiro, eram lidos pelo jornal paulistano.

Metodologia

Essa pesquisa se insere dentro do campo de investigação das relações entre a mídia e política. Partimos do pressuposto de que o Brasil desenhou um modelo de mídia semelhante ao estadunidense, cuja dinâmica é guiada pela livre concorrência de mercado



e no qual a mídia postula posição de equilíbrio (AZEVEDO, 2017, p. 29) e equidistância entre as forças do jogo democrático. A pesquisa, no entanto, dedicou-se justamente aos espaços em que a mídia assumidamente apresenta uma tomada de posição, seja de forma Institucional - por meio dos seus *Editoriais* -, seja por meio de seus colunistas ou por meio de atores relevantes no debate público que escrevem para o Jornal. No ano de 1988, uma pesquisa do Instituto *Datafolha* revelou que o público leitor da *Folha* era na sua esmagadora maioria - 80% - era composta de pessoas com ensino superior completo ou pós-graduados (FRANÇA, 2015, p. 19), tratando-se de um interlocutor majoritariamente das classes médias e altas. Portanto, este trabalho não se preocupou com a relação entre posição do *Jornal* e resultados eleitorais, mas sim seu comportamento diante dos eventos da sucessão a partir das pesquisas de Intenção de Voto realizadas pelo *Instituto DataFolha*.

O olhar da pesquisa voltou-se sobretudo para as seções das colunas opinativas, *Tendências/debates* e *Editoriais* da *Folha de São Paulo*, no segundo semestre do ano eleitoral de 1989, balizando o estudo a partir das pesquisas de intenção de voto do *Instituto Datafolha* até a data do primeiro turno das eleições, compreendidas entre os dias 01-02/07/1989 e 15/11/1989.

É importante salientar que não havia nas versões impressas uma seção discriminada como “*Editoriais*”. Aqui, *os editoriais* referem-se às primeiras colunas da *Página 2* do Jornal. Já as versões digitais da *Folha* se referem a essas primeiras colunas enquanto “*Editoriais - O que a Folha pensa*”, destacando o caráter institucional do conteúdo das publicações. Por isso, apesar do acervo consultado contar com as versões impressas digitalizadas, optou-se por chamar de *Editorial* as colunas de opinião sem assinatura, o que discrimina a posição oficial do Jornal da posição de outros colunistas.

As seções opinativas da *Folha* estavam, como estão até o presente momento, divididas entre as páginas 2 e 3. Na página 2, na primeira seção, estavam os *Editoriais*. Havia entre 2 a 4 *Editoriais* por dia, por meio dos quais o Jornal se posicionava institucionalmente. Na segunda seção da página *dois*, uma charge do dia era estampada, seguida de 3 colunas fixas, reservadas a jornalistas com vínculo empregatício com o jornal. Ainda na segunda página, constava uma coluna lateral, escrita por intelectuais e/ou participantes ativos do debate público. Abaixo de tal seção lateral, reservava-se um espaço para as sentenças de destaque do dia, proferidas por personalidades públicas ou enviada por leitores, na qual era possível encontrar pequenas notas, comentários, sentidos



enviados pelo público consumidor do Jornal, os quais dialogavam com alguma movimentação de relevo do dia, majoritariamente associados ao debate político.

Na página 3, encontrava-se a seção “*Tendências/Debates*”. Criada no contexto da distensão política, a seção representaria uma ampliação do debate público para além dos vínculos diretos com o *Jornal*, a qual foi imprescindível para a análise proposta por este Trabalho. Todas as seções das páginas 2 e 3 passaram por leitura e fichamento, buscando encontrar posicionamentos que se relacionavam com o debate sucessório. É importante destacar que as charges, localizadas na página 2 do jornal, não foram tomadas como objeto da análise, limitando o escopo da pesquisa ao conteúdo textual de caráter explicitamente opinativo, seja institucional – como no caso dos *Editoriais* – seja pelos colunistas empregados pelo periódico.

A partir dos documentos programáticos dos candidatos à esquerda mais bem colocados no espectro político, foi possível identificar posições, projetos e narrativas sobre o Brasil, os quais foram interpretados dentro dessas colunas. Tendo a divulgação das pesquisas eleitorais como um eixo de análise, buscou-se compreender como o crescimento trilhado era percebido em um dos principais veículos de comunicação do país por editoriais e seus/suas colunistas e personalidades da seção *Tendências/Debates*. Foram avaliadas a *página 2* do Jornal paulistano, em que se encontram as colunas e posições editoriais, e a *página 3*, a seção *Tendências/Debates*. Para isso, foram mapeados os principais eixos temáticos, interpretações sobre a conjuntura internacional, posicionamentos econômicos e impressões acerca da sucessão presidencial.

Do Município à Nação

Na análise dos *Editoriais* da *Folha de São Paulo*, é possível identificar a tese de que o incipiente sistema partidário brasileiro chegaria à eleição presidencial de 1989 alicerçado pelas aprovações e/ou rejeições das gestões municipais constituídas em 1988. Segundo Borges (2015), a nacionalização partidária tem um impacto significativo nas estratégias eleitorais adotadas pelos partidos no sistema presidencialista de coalizão. O artigo “Nacionalização Partidária e Estratégias Eleitorais no Presidencialismo de Coalizão” aborda a relação entre a nacionalização dos partidos políticos e as estratégias eleitorais adotadas no sistema presidencialista de coalizão brasileiro. O estudo argumenta que a nacionalização dos partidos políticos tem um impacto significativo nas estratégias eleitorais adotadas pelos partidos em diferentes estados do país (BORGES, 2015, p. 653).



Assim, em Estados com maior grau de nacionalização, haveria a tendência de investir na imagem da figura proeminente no debate público nacional de modo a aglutinar eleitores em torno da candidatura em âmbito local. Não obstante, no caso de 1989, identificou-se um movimento inverso na *Folha de São Paulo*: as eleições municipais de 1988 e a subsequente avaliação das gestões seriam termômetros da intenção de votos e potencial político de cada candidato à presidência em 1989. Dessa forma, um movimento corriqueiro das colunas e *Editoriais* ao longo das eleições de 1989 foi comparar as primeiras impressões das gestões municipais com as eventuais gestões presidenciais que entrariam em cena pós-eleições. Assim, as incipientes experiências dos partidos à frente da administração das prefeituras foram generalizadas e deslocadas a um lugar de espelho. É importante destacar que as gestões eleitas em 1988 começaram em janeiro de 1989.

Tidas como primeiro ato da sucessão presidencial, as gestões eleitas nas eleições municipais de 1988 tiveram relevo no debate público retratado pela *Folha*. No sufrágio municipal, perderam espaços o PMDB-PFL - Aliança Democrática - e o PDS, embora continuassem profundamente enraizados nos municípios, enquanto o PT ganhara terreno, conquistando a Prefeitura de São Paulo após derrotar duas máquinas eleitorais importantes com Luiza Erundina, de Jânio Quadros e Paulo Maluf. Outro partido que ganhara espaço é o PDT de Brizola, que conquista 17 das 100 maiores cidades do país (MACIEL, 2012, p. 345). Em 1989, as candidaturas bem posicionadas nas pesquisas de opinião contavam com diminuta representação institucional, o que foi tido como sinal de desgaste dos partidos no poder e como declínio da identificação partidária (GODOY, 2005, p. 23). Rodrigo Mayer (2021) enxerga uma transformação no sistema partidário dos quatro países analisados, incluindo o Brasil, ao longo da década de 1980. Ele argumenta que, nesse período, houve uma mudança significativa nas democracias da América Latina, que passaram por um processo de redemocratização após um longo período de ditaduras militares. Com a abertura política, houve uma maior diversidade de atores políticos e o surgimento de novos partidos, o que gerou uma instabilidade inicial nos sistemas partidários. Ao mesmo tempo, os partidos à esquerda avançaram de forma expressiva à nível nacional. Em resposta a uma pergunta endereçada pela *Folha* a quatro dias do primeiro turno (11/11/1989) – “você acha que a estrutura partidária brasileira está em crise”, Plínio de Arruda Sampaio destacou que Ulysses e Aureliano, representantes dos partidos que compuseram a Aliança Democrática (PMDB-PFL) estavam afundando nas pesquisas eleitorais, enquanto o candidato que as liderava seria um desconhecido “fabricado pela mídia” – a saber, Fernando Collor de Melo. Apesar disso, avaliou que a



crise nos partidos de centro e direita não são suficientes para afirmar que havia uma crise partidária como um todo. O autor destacou a vitalidade dos partidos à esquerda: O PCB, com Roberto Freire, conseguiu uma campanha à nível nacional – sendo a primeira eleição direta disputada pelo Partido. O PDT, por sua vez, fortalecia-se como um partido de expressão em Estados importantes, e que o acúmulo da Frente Brasil Popular (PSB, PCdoB e PT) naquele momento da campanha era de “fôlego”, e que Lula poderia aglutinar o campo progressista em torno do seu nome. Dessa forma, o avanço contundente da institucionalidade progressista fez com que atentamente se observasse o que ocorria à nível municipal, como uma forma de antecipar movimentos e contradições à nível nacional.

No caso específico do Brasil, Mayer (2021) destaca que, na década de 1980, o sistema partidário brasileiro passou por um processo de reorganização após um longo período de partido único durante a ditadura militar. O surgimento de novos partidos políticos, a criação de regras eleitorais mais democráticas e o aumento da participação popular na política foram alguns dos fatores que levaram a uma mudança no sistema partidário brasileiro nesse período. O autor identifica uma queda no índice de *nacionalização* partidária ao longo da década de 1980, devido à desagregação do bipartidarismo (MAYER, 2021, p. 39). Se no início da década, as referências eleitorais se dividiram entre o partido do regime (ARENA) e o partido de oposição (MDB), no final da década já havia um sistema fragmentado, com partidos novos sem ingerência holística na vida política nacional. Diante dessa reorganização, a primeira experiência eleitoral nas capitais brasileiras que se deu em 1988 operou, nas narrativas propostas pelos columnistas, como uma espécie de antessala para o que seria a eleição do ano seguinte. Assim, um sistema partidário ainda incipiente, sem uma experiência eleitoral a nível nacional concreta, fez com que o termômetro para medir a possibilidade de vitória em 1989 fosse justamente as experiências regionais, revelando o grau de *desnacionalização* enfrentado pelos partidos.

O Editorial *Primeiras decepções* (03/07/1989) se debruçou sobre essa dinâmica, afirmando que o desempenho dos prefeitos eleitos em 1988 poderia ser vitrine para os programas partidários de 1989. Expôs uma decepção popular com Olívio Dutra e Luiza Erundina, ambos do PT. Particularmente quanto à gestão paulistana, interpretou a atuação de Erundina como discreta, frustrando quem imaginava mudanças rápidas e eloquentes. Isso poderia refletir-se também em uma eventual administração petista à nível nacional.



Se a gestão de Erundina poderia refletir-se de forma negativa na trajetória nacional do presidenciável Lula, outros ventos sopraram para Mário Covas. O beneficiado de tal espelho seria o PSDB, com vantagens nas pesquisas de Pimenta da Veiga, então à frente da Prefeitura de Belo Horizonte (MG). Não surpreende que tal editorial venha no mesmo mês de julho, em que os olhares se voltaram com atenção e entusiasmo ao candidato do PSDB, após Mário Covas movimentar o debate eleitoral com seu “choque de capitalismo”.

Essa comparação não foi diferente com os colunistas. É possível perceber que o jornal concebeu as administrações municipais como influenciadores possíveis para a sucessão presidencial. No mesmo momento em que Covas era destacado pelos colunistas, o periódico ressaltou a administração de Pimenta da Veiga (PSDB) como positiva e auxiliar de Covas. Por outro lado, provocou a candidatura de Lula com a administração de Luiza Erundina apontando uma decepção popular.

Além disso, as tensões partidárias das gestões municipais iriam de encontro com os conflitos a nível programático em escala nacional. Sintomático desse movimento foi um Editorial intitulado *O PT e a cultura* (21/07/1989). Nele, a *Folha* ponderou que era previsível dentro dos quadros que pensam a política cultural um antagonismo entre a autonomia da cultura e as concepções “instrumentalizantes”, que seriam “pretensamente voltadas para a conscientização do povo”. Segundo o Jornal, essa visão da cultura instrumentalizante teria caracterizado o padrão de intervenção estética das esquerdas nos anos 60. Essa dicotomia estaria representada dentro do PT, que hesitaria entre uma visão mais moderna da política e as tendências “tributárias da estreita ortodoxia social terceiro-mundista”. Finalizou o Editorial asseverando: “Entre o arcaísmo populista e o respeito à autonomia da arte, o PT, como em outros tantos temas, terá que decidir”. Nesse editorial, o diário também utilizou das relações dos opostos para criar imagens binárias no campo da cultura, do antigo e do moderno, do atraso e do novo.

Em artigo chamado *Loteria eleitoral* (03/10/1989), Clóvis Rossi identificou um caso de oportunismo na mudança de candidato do então prefeito de Juiz de Fora, Carlos Alberto Bejani (PRN), de Fernando Collor para Brizola. Com isso, afirmou que não haveria lógica político-ideológica no processo e que tampouco haveria preocupações de natureza ética - nisso, postula que Collor se diz de oposição ao governo Sarney, mas tem ao seu lado políticos ligados ao presidente, ao mesmo tempo que Brizola aceitava políticos que até ontem estavam Collor. Assim, movimentações regionais de natureza política seriam vistas como um sinal de fisiologismo. Ainda, defendeu que a política



brasileira estaria chegando, com a campanha, a uma completa desagregação. Clóvis Rossi seguiu com a impressão de que os ventos soprados nas eleições municipais poderiam ter efeitos no sufrágio nacional: destacou, por exemplo, o crescimento meteórico de Luiza Erundina nas duas semanas finais da campanha nas eleições de 1988. Em *Equação Imutada* (17/09/1989), Newton Rodrigues avaliou uma das primeiras pesquisas pós-HGPE⁴ – feita em Curitiba (PR) –, do Instituto Gallup, na qual Brizola reduzira 6% em relação a Collor. Essa pesquisa teria significado duvidoso posto que a popularidade do prefeito Jaime Lerner (PDT), bem avaliado, poderia estar pesando na balança.

Brizola também foi alvo na seção *Tendência/Debates*. Em artigo nomeado *Não é o que parece* (03/10/1989), César Benjamin e Márcio Costa afirmaram que Brizola encampou propostas genéricas e inatacáveis, capazes de falar ao coração dos pobres sem, no entanto, assustar os ricos. Generalizações como “a salvação das crianças” encaixariam bem nessa tentativa e que Brizola estaria propondo empreender em escala nacional a suposta revolução que fizera no Rio. Aqui, os autores destacam os números mostraram que no Rio os números da educação básica foram “mediócras”. Pontuaram que quem cresceu foi a rede privada de primeiro grau, encolhendo a pública em matrículas e estabelecimentos. Problematiza o discurso que concebe a escola como instrumento social - cuidados, lazeres, banhos, alimentação, arduamente preconizado pelo candidato do PDT.

Em coluna já destacada – *A estrela volta a subir* (04/10/1989) –, Dimenstein ao comentar o sucesso do PT no horário eleitoral, ponderou que o PT precisaria “carregar” as prefeituras que arrebatou nas urnas e que até aquele momento não haviam demonstrado “nada de excepcional”. Outra coluna análoga foi *Um Golpe Fisiológico* (20/10/1989), na qual Newton Rodrigues comentou sobre a destituição da presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro Regina Gordilho (PDT), o que seria preocupante para Leonel Brizola faltando menos de 30 dias para o 1º turno. Dessa forma, um acontecimento em esfera municipal transitou fluidamente para a corrida presidencial, principalmente tratando-se do Estado governado pelo pedetista.

Enquanto Lula crescia nas pesquisas após o início do HGPE – 6% em setembro para 10% no início de outubro –, Gilberto Dimenstein asseverou, em coluna “*O PT estimula a corrupção*”, que o projeto de Estado interventor do PT seria um gatilho para a corrupção - embora reconheça que não se poderia citar casos comprovados nas

⁴ Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.



principais prefeituras petistas e nem referentes a seus parlamentares, anunciando que eventuais casos de atividades subterrâneas nas prefeituras petistas poderiam ser explorados para criticar o projeto do PT em escala nacional.

Os escândalos de corrupção seriam respingados nas candidaturas nacionais, especialmente naquela do candidato do PT. Um dos casos centrais para entender a crítica dos colunistas à administração petista em São Paulo, comparando com a campanha nacional de Lula, foi o caso Lubeca. Na capa do Jornal publicado em 24/10/1989, a manchete “*Prefeitura de SP é acusada na polícia de cobrar propina*” foi estampada. Ao lado manchete, uma foto de Lula em evento de campanha, acima de um voto de Maluf em atividade análoga. No texto da notícia, destacou-se a presença do secretário de contas a pagar Paulo César Argento na sede da Polícia Federal acompanhado do candidato Ronaldo Caiado (PSD). A presença de Caiado justificou-se posto que tinha sido uma das vozes a acusar o candidato do PT no debate do dia 17/10. Argento afirmou que a Lubeca havia dado NCz\$ 1,3 milhões à campanha de Lula em troca da liberação do projeto imobiliário do Panamby.

Em novembro, o *Jornal* comentou sobre a suposta relação rasteira entre a empresa e o Município. Em editorial chamado *A saída de Greenhalf* (02/11/1989), referindo-se a Luiz Eduardo Greenhalgh, militante histórico do Partido e então ex-Secretário de Negócios Extraordinários, o Jornal destacou que a despeito da sua saída da Secretaria, o petista permanecera como vice-prefeito, o que seria “inadmissível”. O jornal buscou expor a contradição entre a nota da então prefeita Erundina sobre a quebra de confiança da relação e o fato de Greenhalf continuar como o segundo nome da administração pública e como isso constitui-se um escárnio. Em seguida, relacionou o caso específico da prefeitura com a candidatura Lula, em que a administração municipal estaria como verdadeiro telhado de vidro para o petista. Faltando 12 dias para a eleição, no dia 03/11/1989 Clóvis Rossi não poupou insinuações na coluna “*Crime e desconfiança*” e relacionou a tentativa de irregularidade da empresa Lubeca diretamente a Lula. Na coluna, Rossi escreve acerca da nota oficial da prefeita Erundina que pondera uma falta de confiança entre ela e seu assessor, Luiz Eduardo Greenhalgh. Arrazoou que a confissão de Greenhalgh de que a Lubeca ofereceu dinheiro para a campanha de Lula, só permite deduzir que havia “clima para tanto”. Ainda, mais sugestivo ainda, classifica que subornado algum entra com ofertas assim sem antes sondar o terreno onde está pisando.



Considerações finais

A Folha de São Paulo disseminou ideias, práticas e costumes vinculados ao setor da sociedade ao qual pertence, dentro de uma conjuntura externa e interna de transições. De forma sistemática, houve uma defesa cotidiana de um Estado menos atuante na economia em meio à defesa de uma *tendência internacional*. O Estado Neoliberal foi colocado como caminho inequívoco para o futuro, como pensamento único e como exclusiva possibilidade de projeto histórico. Nesse contexto, as candidaturas Lula e Brizola questionaram, tanto programaticamente quanto a partir das mobilizações populares, o caminho considerado como a única possibilidade histórica. Um outro eixo para se entender a movimentação do diário ao longo da campanha é o início do HGPE. Com o início dos programas televisivos, o jogo político foi reorganizado. Nesse sentido, as pesquisas eleitorais foram um termômetro para se medir a infiltração desses candidatos nas camadas populares e como um reorganizador das candidaturas: conforme as indicações das pesquisas, havia uma resposta das candidaturas. Nesse sentido, as gestões municipais constituídas em 1988 foram colocadas como vitrines para eventuais gestões a nível nacional, considerando as administrações municipais como uma antessala de um eventual mandato a nível nacional. Desse modo, imagens, discursos, movimentos foram deslocados do nível municipal diretamente para a disputa presidencial.

Fontes

Editorial – página 2 do Jornal *Folha de São Paulo*

A saída de Greenhalf. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02/11/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10770&anchor=4061659&origem=busca&originURL=&maxTouch=40&pd=08ac68516ea250617a036911e13e56d5>

O PT e a cultura. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 21/07/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10648&anchor=4048211&origem=busca&originURL=&pd=6688352b3d3925e93149d257a5096584https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10648&anchor=4048211&origem=busca&originURL=&pd=6688352b3d3925e93149d257a5096584>

Prefeitura de SP é acusada na polícia de cobrar propina. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 24/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10761&anchor=4915856&origem=busca&originURL=&pd=72a4844e19f47a1b3454017d16fec35b>



Primeiras decepções. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 03/07/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10648&anchor=4048211&origem=busca&originURL=&pd=6688352b3d3925e93149d257a5096584>

Colunas e Seção Tendências/Debates - página 2 e 3 do Jornal Folha de São Paulo

BENJAMIN, César; COSTA, Márcio. Não é o que parece. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 03/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10740&anchor=4059970&origem=busca&originURL=&maxTouch=40&pd=4d834dcdf82da38cf52d8a36ddd6a03>

DIMENSTEIN, Gilberto. A estrela volta a subir. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 04/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10741&anchor=4060688&origem=busca&originURL=&maxTouch=40&pd=d217730a069516bed4dd3462974ae72c>

DIMENSTEIN, Gilberto. O PT estimula a corrupção. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10745&anchor=4063870&origem=busca&originURL=&pd=34d558b4b32a768e9c88f8442e2e5429>

RODRIGUES, Newton. Equação Imutada. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 06/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10743&anchor=4062407&origem=busca&originURL=&pd=6c519976e8acea2cee61d50134af65d1>

RODRIGUES, Newton. Um Golpe Fisiológico. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 20/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10757&anchor=4915447&origem=busca&originURL=&pd=ebe6e7c9ab9ac87e6d1ff9dffed21f4d>

ROSSI, Clóvis. Crime e desconfiança. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03/11/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10771&anchor=4062557&origem=busca&originURL=&pd=e448f8eb9a403f319aee806a32eed31f>

ROSSI, Clóvis. Finados e eleição. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 06/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10743&anchor=4062407&origem=busca&originURL=&pd=6c519976e8acea2cee61d50134af65d1>

ROSSI, Clóvis. Loteria eleitoral. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 03/10/1989. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10740&anchor=4059970&origem=busca&originURL=&maxTouch=40&pd=4d834dcdf82da38cf52d8a36ddd6a03>



Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando. **A Grande Imprensa e o PT (1989-2014)**. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

BORGES, André. Nacionalização Partidária e Estratégias Eleitorais no Presidencialismo de Coalizão. **Dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 651-688, jul./set. 2015.

FONSECA, Francisco. **O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

FRANÇA, Vinícius Sales do Nascimento. **A Folha de S. Paulo e os protestos pelo impeachment de Collor**. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

FREIRE, Américo. A via partidária na transição política brasileira. In: QUADRAT, Samantha V. (org.). **Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

GODOY, Clayton Peron Franco de. **A eleição presidencial brasileira de 1989: literatura e processo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor: Reformas Políticas, Democratização e Crise 1985-1990**. São Paulo: Alameda, 2012.

MARQUES, Teresa C. S.; GONÇALVES, Leandro P. A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 399-416, jul./set. 2016.

MAYER, Rodrigo. Estabilidade ou desnacionalização dos sistemas partidários? Uma análise comparada de Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai (1982-2019). **Terceiro Milênio** - Revista Crítica de Sociologia e Política, v. 16, n. 1, p. 30-56, jan./jun. 2021.